

CONDIÇÕES NERVOSAS

Título original: Nervous conditions
Copyright © 1988 Tsitsi Dangarembga
Copyright © 2019 Editora Kapulana Ltda. – Brasil

1988 - 1ª edição publicada por:
The Women's Press Ltd, a member of the Namara Group, London, UK.

2004 - Edição de base para a tradução brasileira, publicada em Inglês por:
Ayebia Clarke Publishing Ltd,
7 Syringa Walk
Banbury OX16 1FR
Oxfordshire - UK
www.ayebia.co.uk

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil a partir de 2009.

ISBN livro impresso: 978-85-68846-80-3

Direção editorial: Rosana M. Weg
Tradução: Carolina Kuhn Facchin
Projeto gráfico: Daniela Miwa Taira
Capa: Mariana Fujisawa
Adaptação para e-book: Carolina Menezes

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dangarembga, Tsitsi, 1959- Condições nervosas [livro eletrônico]/ Tsitsi Dangarembga; tradução Carolina Kuhn Facchin. -- São Paulo: Kapulana, 2020. 3 Mb ; ePub Título original: Nervous conditions ISBN 978-65-990121-6-7 1. Ficção zimbabuana 2. Literatura africana I. Título. 20-35026 CDD-Zi823
--

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura zimbabuana Zi823

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Nota da tradutora

Querido leitor

O que você tem em mãos é um clássico importante, premiado e aclamado, e que apenas pelas injustiças de nossa cultura demorou 31 anos para chegar ao Brasil. Injustiças essas – o colonialismo, o racismo, o machismo – sobre as quais Tsitsi Dangarembga fala de forma muito mais completa e forte do que eu poderia.

Ressalto apenas duas questões que dizem respeito às minhas escolhas tradutórias e às escolhas editoriais da Kapulana.

A primeira é sobre o título. O título original, “Nervous conditions”, advém do prefácio escrito por Sartre para o livro *Os condenados da terra*, de Frantz Fanon (1961). Em inglês: “The status of ‘native’ is a nervous condition [...]”; na tradução para o português, de 2006, por Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães: “O indigenato é uma neurose [...]”. Por considerarmos que o título soaria melhor com uma tradução mais direta, além de ser de compreensão mais ampla do que “neurose” que, sem o contexto do texto de Sartre, poderia resultar em interpretações errôneas, optamos pelo título *Condições nervosas* – seguindo, também, na esteira da tradução para o espanhol (de Nair Anaya, 2019), *Condiciones nerviosas*.

A segunda questão refere-se aos nomes dados aos anos escolares no sistema de ensino da Rodésia (hoje Zimbábue) nos anos 60. Os primeiros anos escolares eram o “Sub A” e o “Sub B”, que seriam como a “pré-escola”, na qual as crianças negras entravam aos 7 anos; estes anos foram traduzidos como “Iniciais”. Os anos seguintes chamavam-se “Standards” e iam do 1 ao 7; eles foram traduzidos como “Fundamentais”. A seguir vinham os “Form”, traduzidos como “Avançados”; eles iam do 1 ao 6. Este sistema não está

mais em vigência, tendo passado por uma reforma em 1980. Ele era confuso e racista, separando as crianças negras e as brancas e restringindo o número de vagas ofertadas para os negros nos anos Avançados – que levavam a melhores empregos e à possibilidade de entrada na Universidade.

Feitas essas observações que, espero, ajudarão na compreensão do livro, desejo uma boa leitura e imersão em Tsitsi Dangarembga e na história de Tambu, ambas mulheres do Zimbábue.

Curitiba, setembro de 2019.

Introdução*

“Não lamentei quando meu irmão morreu.”

Que frase de abertura instigante! Como leitores (quer ou não venhamos, como o livro, do Zimbábue), reagimos a estas palavras considerando o fato de que a narradora, como a autora da obra, é uma mulher. E não há algo especialmente chocante – algo desumano, desnaturado – na frieza de uma irmã frente à morte de um irmão? Reações como essa são obviamente esperadas, pois o livro continua:

E também não estou me desculpando por minha indiferença, como você poderia descrever, minha falta de sentimento. Porque não é nada disso. Sinto muitas coisas hoje em dia, muito mais do que podia sentir nos dias em que era jovem e meu irmão morreu, e há razões para isso que vão além da consequência da idade. Então não vou me desculpar, mas começarei por lembrar os fatos, de acordo com minha lembrança, que levaram à morte do meu irmão, os eventos que me colocaram na posição de poder escrever este relato.

Esta é uma narrativa em primeira pessoa, direcionada a alguém na segunda pessoa. E já que, é claro, a narradora não tem informações sobre mim ou sobre você, os leitores reais do livro, é natural que se pergunte: Quem é que “poderia descrever” nossa protagonista como indiferente? Com quem, em outras palavras, nossa protagonista se recusa a se desculpar?

Bem, para responder a essa pergunta eu preciso falar um pouco mais sobre nossa protagonista e sua história. Ela é Tambudzai – abreviando, Tambu – e logo aprendemos que seu tio é o diretor da escola da Missão em Umtali, para a qual seu irmão foi levado para estudar. Lá, o irmão aprende a desprezar a aldeia, assim como, na aldeia, havia aprendido a desprezar as irmãs.

Por entender que a educação do irmão é caminho de saída e ascensão, e sabendo que a esposa do tio, Maiguru, completou os

estudos em outro país, Tambu começa a perguntar ao pai por que ela, também, não pode estudar. Ele responde: “Você pode cozinhar livros e dar para seu marido comer?” E Tambu vai reclamar com a mãe:

– Baba diz que não preciso estudar – contei-lhe, desgostosa. – Ele disse que devo aprender a ser uma boa esposa. É só olhar para a Maiguru – continuei, sem perceber a crueldade. – Ela é melhor esposa do que você. Minha mãe era velha demais para se incomodar com minhas bobagens infantis. Ela tentou abrandar um pouco a situação me dizendo muitas coisas, explicando que meu pai estava certo porque mesmo Maiguru sabia cozinhar e limpar e plantar vegetais.

– Isso de ser mulher é uma carga pesada – ela disse. – E como não seria? Não somos nós que parimos os filhos? Quando é assim você não pode sair decidindo hoje eu quero isso, amanhã quero fazer aquilo, no dia seguinte quero estudar! Quando há sacrifícios a serem feitos, é você que deve fazê-los. E essas coisas não são fáceis; você tem que começar a aprender cedo, desde bem novinha. Quanto mais cedo melhor, para ser mais fácil depois. Fácil! Como se algum dia fosse fácil. E hoje em dia é pior, com a pobreza de ser negra de um lado e o peso de ser mulher do outro. Aiwa! O que vai ajudar, minha filha, é aprender a carregar esses fardos com resiliência.

Mas Tambu não é persuadida, e prefere pedir sementes para plantar milhos e vendê-los no mercado, para ela pagar as taxas que o pai não pagaria.

Essa luta pela aprendizagem se transforma quando o irmão é levado por uma doença. Por não ter outros irmãos, a educação que a levaria para a modernidade Ocidental está, de repente, disponível para Tambu, a menina mais velha. A situação se apresenta de forma clara: a morte do irmão é condição para a emancipação da irmã. A partir de agora assistimos a Tambu, grata por sua educação ocidentalizada e pela transformação de menina aldeã em uma menina “sofisticada”, educada, lutar para integrar as regras morais de sua criação na aldeia à constante e crescente percepção da injustiça de

sua posição como mulher. O desenvolvimento desta consciência é impulsionado não só por suas experiências, mas também pelas vidas das mulheres a seu redor: a mãe, fatalista e generosa; a mulher do tio, uma mulher culta, frustrada pela incapacidade do marido de respeitar suas opiniões; a irmã da mãe, uma mulher adulta que segue o próprio caminho, alternando entre o pai de Tambu e outro amante.

E por este processo de descoberta Tambu é guiada pela prima, Nyasha, cujas experiências na Inglaterra (onde os pais conquistaram seus títulos de pós-graduação) alienaram permanentemente seu olhar: Nyasha rejeita o absolutismo das reivindicações de autoridade do pai e acredita que a mãe, que recebeu uma educação, está desperdiçada a si mesma como ajudante do pai dominador. Mas a resistência de Nyasha tem um preço: na busca pelo corpo perfeito (imaginado de maneira muito distante da tradição Shona, como um ideal de magreza) ela desenvolve, primeiro, bulimia, e, depois, anorexia, acabando nas mãos de um psiquiatra branco em Salisbury.

A mãe de Tambu tem um diagnóstico:

– São as Manias Inglesas – ela disse. – Vão matá-los, se eles não tomarem cuidado...

A preocupação de que a mãe pudesse estar certa incomoda Tambu por alguns dias. É verdade, ela triunfou novamente, conquistando uma das duas vagas no altamente competitivo (e majoritariamente branco) internato católico Sacred Heart, onde ela é ensinada por freiras. E ela gosta dos desafios, mal pode esperar para retornar. Mas tem suas noites de pesadelos, sobre o irmão morto, e sobre Nyasha e o irmão de Nyasha, que “sucumbiram” às Manias Inglesas. Ao final, no entanto, ela “expulsa” a suspeita de que as Manias Inglesas que está adquirindo no convento a relegarão, também, a uma condição nervosa.

É uma opinião comum entre os críticos que o romance africano moderno é implicitamente endereçado a um leitor ocidental. Aqui, seguindo aquela resposta familiar, está o que poderíamos chamar de um “momento safari”: um Zimbábue

construído para o turista moral e literário. A história que esbocei parece oferecer uma entrada muito fácil; não deveria ser mais difícil compreender a vida de uma menina Shona que mora em uma aldeia? E o fato de ser acessível não enfraquece a afirmação de que ela usa autenticamente uma voz do Zimbábue?

Para uma tentativa de resposta, comecemos com o fato de que o livro de Tsitsi Dangarembga não possui as marcas indicadoras do autor que fala com um Outro de Um Outro Lugar. O vocabulário shona, incluindo os títulos assumidos por vários membros da família, a comida, os cumprimentos: nada disso vem com um glossário explicativo. De fato, a autora faz esforços consideráveis para deixar óbvio que Tambu, longe de conversar com um Outro Ocidental, nem mesmo se sente muito à vontade com este outro. “Outra coisa diferente na missão é que lá havia muitas pessoas brancas.” Assim começa o capítulo Seis. E depois na mesma página:

Hoje há menos brancos na missão. Eles são chamados de expatriados, não missionários, e são vistos vivendo em casas de tijolos não pintados. Mas eles são endeusados da mesma maneira que os missionários, porque são brancos, então a vinda deles ainda é uma honra. Me explicaram que você ser chamado de expatriado ou de missionário depende de como e por quem você foi recrutado. Mesmo que a diferença me tenha sido explicada por uma fonte confiável, não consigo retê-la na mente porque não a observei em primeira mão no meu contato com essas pessoas.

Essas não são as palavras de uma personagem falando com um Outro; de fato, mesmo que a ironia de Dangarembga pressuponha um leitor que saiba, diferentemente de Tambu, como usar as palavras “expatriado” e “missionário” – e por isso chame atenção para a possibilidade de ela ser lida por um leitor estrangeiro – esta é uma passagem que não é exatamente simpática a este leitor.

Tão importante quanto estes sinais na linguagem de Tambu de sua distância de um leitor “de fora”, é o fato de a questão moral central do livro – a questão de como a mulher pós-colonial educada

no Ocidente e suas irmãs, filhas, mães e tias, camponesas ou empregadas, trabalhadoras ou esposas, encontrarão juntas maneiras de criar vidas significativas, escapando do peso de sua opressão como mulheres, mas também como negras, como camponesas, como trabalhadoras – não diz respeito diretamente a leitores euro-americanos, sejam eles mulheres ou homens, porque essa questão é absolutamente encharcada de um contexto que aqueles leitores não conhecem. O livro de Dangarembga presume que essas preocupações, que surgem daquela situação específica, serão compartilhadas de maneira imediata e concreta pela protagonista e seu leitor silencioso e invisível, o “você” com quem Tambu conversa.

Ainda assim, mesmo que não especificamente destinado a leitores ocidentais, os problemas de equidade de gênero e raciais trazidos pelo texto não são, de forma alguma, desconhecidos para nós. Nossa narradora nunca sugere que seus leitores, seja quem forem, devam julgar a vida dela a partir de padrões diferentes dos seus: apesar do distanciamento no primeiro parágrafo – “E também não estou me desculpando por minha indiferença, como você poderia descrever, minha falta de sentimento.” –, ela não pressupõe viver em uma esfera moral diferente. Ela nos desafia a ouvir a história que leva à morte do irmão porque acredita que depois de a ouvirmos, nós – seja lá quem formos – não pensaremos que ela é indiferente ou sem sentimentos.

Tsitsi Dangarembga escreve com a confiança de que a história que está contando fará sentido para leitores de muitos lugares, com muitas preocupações, e que ela pode contá-la sem trair a autenticidade da voz de Tambu. Tambu não foi criada para ser acessível a qualquer público específico, seja dentro ou fora do Zimbábue. Ela é completamente imaginada: uma personagem que revela suas preocupações conforme conta a história, com todos os detalhes específicos de seu tempo e localização. Porque aquele mundo se torna real na linguagem do livro, não importa que você não saiba nada sobre a cultura, a política e a história do Zimbábue. Tudo que você precisa está esperando por você na narrativa de Tambu.

Cada livro é uma mensagem na garrafa jogada no grande

oceano da literatura de algum outro lugar (mesmo que tenha sido escrito e publicado na semana passada em sua cidade natal); e o que torna o livro acessível aos leitores não são valores ou crenças ou experiências compartilhadas, mas a capacidade humana de conjurar novos mundos com a imaginação. Um livro completo dá aos leitores tudo que eles precisam para que suas imaginações comecem a trabalhar. É porque o mundo criado por Tsitsi Dangarembga neste livro é tão completo, tão cativante, que Tambu pôde encontrar tantos amigos em tantos lugares ao redor do mundo.

* APPIAH, Kwame Anthony. "Introduction". In: Dangarembga, Tsitsi. *Nervous conditions*. UK: Ayebia Clarke Publishing, 2004. [Tradução de Carolina Kuhn Facchin]

Kwame Anthony Appiah
Universidade de Princeton
Junho, 2004

A condição de nativo é uma condição nervosa.
da introdução de *Os condenados da terra*, de Frantz Fanon.

Um

Não lamentei quando meu irmão morreu. Também não estou me desculpando por minha indiferença, como você poderia descrever, minha falta de sentimento. Porque não é nada disso. Sinto muitas coisas hoje em dia, muito mais do que podia sentir nos dias em que era jovem e meu irmão morreu, e há razões para isso que vão além da consequência da idade. Então não vou me desculpar, mas começarei por relembrar os fatos, de acordo com minha memória, que levaram à morte do meu irmão, os eventos que me colocaram na posição de poder escrever este relato. Pois embora o falecimento do meu irmão e os eventos da minha história não possam ser separados, minha história não é, no fim, sobre morte, mas sobre minha fuga, e a de Lucia; sobre o aprisionamento de minha mãe e Maiguru; e sobre a revolta de Nyasha – Nyasha, de mente aberta e tão isolada, filha do meu tio, cuja revolta, no fim, pode não ter sido bem sucedida.

Eu tinha treze anos quando meu irmão morreu. Aconteceu em 1968. Era o fim do trimestre e nós o esperávamos no ônibus vespertino que passava pela aldeia às três da tarde. Meu irmão estudava na missão onde meu tio era diretor, que ficava a mais ou menos trinta quilômetros da aldeia, a oeste, na direção da cidade de Umtali. Às vezes, quando meu tio não estava muito ocupado com relatórios e questões administrativas no fim do trimestre escolar, ele conseguia sair do escritório às três da tarde, sacrificando as horas restantes do dia para trazer Nhamo até em casa. Era isso que Nhamo preferia. Ele não gostava de viajar de ônibus porque, ele dizia, era muito lento. Além disso, as mulheres cheiravam a odores reprodutivos insalubres, as crianças costumavam aliviar os intestinos irritados no chão, e os homens soltavam fortes aromas de trabalho braçal. Ele não gostava de dividir o veículo com vários tipos de frutas e vegetais em fases suspeitas de frescor, com galinhas assustadas, com o ocasional bode de cheiro pungente. “Devíamos ter um ônibus especial”, ele reclamava, “como os que eles têm para os alunos que moram em Fort Victoria e em Salisbury”, esquecendo

completamente que essas eram cidades, centros urbanos autônomos, enquanto nossa casa ficava na área comum que circundava Umtali, e que como se considerava que a missão de meu tio ficava em Umtali, não havia necessidade de contratar um ônibus para o transporte dele e de outros estudantes que viviam em nossa área até em casa.

Ainda assim, contratar um ônibus não teria feito o fim do trimestre confortável o bastante para meu irmão. O terminal de ônibus – que também é a feira, com mercearias desbotadas e sujas, sombrias e encardidas por dentro, que chamamos de magrosa, e mulheres debaixo de árvores msasa vendendo ovos cozidos, vegetais, frutas da estação, galinha cozida, às vezes temperada, às vezes, não, e tudo mais que os aldeões e viajantes possam querer comprar – fica a no mínimo três quilômetros de distância da nossa propriedade. Contratando um ônibus ou não, meu irmão ainda teria que andar três quilômetros até em casa. Esta caminhada era outro aspecto da jornada pelo qual meu irmão desejava não ter que passar.

Eu, que não precisava fazer a jornada regularmente a cada fim de trimestre e início de um novo, não conseguia entender por que meu irmão tinha tanta aversão pela caminhada, ainda mais depois de ter ficado amontoado dentro de um ônibus abafado por tanto tempo: a viagem de ônibus até a missão levava quase uma hora. Além do alívio de poder esticar as pernas depois de uma viagem tão longa, o caminho até em casa do terminal de ônibus não era tão demorado se você não estava com pressa. A estrada se estendia por campos nos quais havia sempre algumas pessoas com quem passar uns dez minutos do dia – perguntando sobre a saúde delas e de seus familiares, admirando as folhas largas abundantes nas plantações de milho quando estão boas, prevendo quantos sacos o campo vai produzir ou se perguntando se as plantas haviam florido cedo ou tarde demais. E apesar de o trecho da estrada entre os campos e o terminal ser exposto ao sol e ser, de setembro a abril, exceto quando chovia, duro e abrasador, fazendo o brilho da areia arranhar os olhos, sempre havia sombra perto dos campos, onde árvores eram deixadas de pé de propósito para nos abrigar enquanto comíamos ou descansávamos entre o cultivo de um e outro pedaço da terra.

A partir dos campos, a estrada ficava mais sombreada, com

arbustos e árvores. Acácia, lantana, msasa e mopani amontoadas em um dos lados. Se você tivesse tempo, podia sair da estrada para áreas mais arborizadas para procurar matamba e matunduru. Azedos. Deliciosos. A partir desta área mais arborizada a estrada se desenrolava em uma ravina rasa, um vale fluvial com o fundo cuidadosamente adornado com pedregulhos lisos e planos que eram usados como ferramentas empolgantes para todo tipo de brincadeira. Por entre e ao redor dos pedregulhos mais baixos, o rio fluía esparso na estação mais seca, mas profundo o bastante em algumas partes quando as chuvas eram fortes para tapar a cabeça de uma criança e para me cobrir até os mamilos. Aprendemos a evitar essas partes quando a correnteza do rio estava forte, mas na maioria das estações ele corria placidamente e permitia que nos banhássemos por quase toda sua extensão. Por sermos crianças, não tínhamos restrições. Podíamos brincar onde quiséssemos. Mas as mulheres tinham um local próprio para tomar banho, e os homens tinham o deles. Onde as mulheres se lavavam o rio era raso, quase nunca chegando acima dos meus joelhos, e as pedras eram mais baixas e mais planas lá do que em outras partes, cobrindo a maior parte do leito. As mulheres gostavam do seu local porque ele era perfeitamente arquitetado para lavar roupas. Mas nós tínhamos medo de crescer tanto que teríamos que nos lavar lá com as mulheres, não mais podendo nadar nas piscinas mais fundas, frescas e interessantes.

O rio, as árvores, as frutas e os campos. Assim era no começo. São essas as minhas memórias mais antigas, mas não foi assim que ficaram as coisas. Quando eu ainda era bem nova, para facilitar a administração da nossa área, o Governo construiu os prédios do Conselho Distrital a menos de dois quilômetros dos lugares onde nos banhávamos. Assim, tornou-se necessário que todos os habitantes das mais ou menos doze propriedades que constituíam nossa aldeia cruzassem o Nyamarira, o nosso rio, sempre que tivessem algum negócio a tratar nos prédios do Conselho. Não demorou até que aqueles mais empreendedores entre nós, percebendo que havia sempre mais gente agrupada nos prédios do Conselho do que em qualquer outro lugar da aldeia (exceto a igreja nos domingos, e em outros dias os lugares onde se estava bebendo cerveja), montassem

suas pequenas mercearias, que vendiam todos os produtos de que precisávamos – pão, chá, açúcar, geleia, sal, óleo de cozinha, fósforos, velas, parafina e sabão –, lá ao lados dos prédios do Conselho. Não me lembro da exata sequência destes acontecimentos, se o lugar virou um terminal de ônibus antes ou depois da construção das mercearias, mas logo os ônibus começaram a parar lá também. Ociosos, os jovens menos trabalhadores da aldeia começaram a matar o tempo ao redor das mercearias, comprando uns para os outros, quando tinham dinheiro, o que não era frequente, Fanta e Coca-Cola e perfume com cheiro de essência de baunilha, barato por um *tickey* a garrafa. O dono de uma das mercearias, muito empreendedor, aproveitando a situação, colocou um gramofone em sua loja para que os jovens pudessem se entreter ouvindo música e dançando. Eles tocavam a nova rumba que, como é comum na música popular, apontava dedos assistemáticos para as realidades da época: “*I’ll beat you up if you keep asking for your money*”, “*Father, I am jobless, give me money for roora*”, “*My love, why have you taken a second wife?*”. E quadris se remexiam, pés batiam ao ritmo desses fatos sociais. Havia solidariedade. As autoridades ficaram alarmadas. Vendo quão empreendedora havia sido nossa comunidade, eles nos recompensaram por nossos esforços construindo uma cervejaria, pintada de azul escuro como os prédios do Conselho, onde “cerveja nativa” e “cerveja clara” eram vendidas a preços baixos todos os dias da semana. E assim o lugar onde nos banhávamos se tornou a estrada principal para pessoas a caminho de magrosa por qualquer razão. No interesse da decência, os banhos foram relegados a uma parte à frente no rio. Ainda assim, quando eu estava me sentindo corajosa, o que acontecia antes de meus seios crescerem demais, eu ficava escutando no topo da ravina e, quando tinha certeza que ninguém estava vindo, corria até o rio, tirava meu vestido, que era, normalmente, só o que eu estava usando, e nadava com prazer por tanto tempo quanto ousava nas partes mais profundas.

Era essa a caminhada que meu irmão detestava! Honestamente, eu poderia ficar eternamente descrevendo as possibilidades que existiam naquela caminhada, então não conseguia entender por que ele a odiava tanto. Contudo, ele a odiava, e na

maioria das vezes conseguia evitá-la ficando na missão ao final do trimestre por um pretexto ou outro até meu tio, que é irmão do meu pai e o filho mais velho da família, decidir nos fazer uma visita. Meu tio nos visitava frequentemente.

Tinha sido ideia do meu tio que Nhamo fosse estudar na missão. Nhamo, se tivesse uma chance, meu tio disse, poderia se destacar academicamente, ao menos o bastante para ter uma profissão decente. Com o dinheiro ganho desta maneira, meu tio dizia, Nhamo tiraria nossa parte da família da miséria em que estávamos vivendo. Assim, o gesto do meu tio era oceânico, e meu pai, que gostava de hipérboles, não precisou de muita persuasão para ver sentido no plano. Depois de uma curta hesitação educada, durante a qual ele lembrou meu tio que a partida de Nhamo significaria mais trabalho na propriedade para o resto de nós, ele concordou que meu irmão poderia ir. Isso aconteceu quando meu irmão estava no Fundamental Três, em 1965, o ano em que meu tio voltou da Inglaterra. Naquela época, fim de 1965, meu irmão já havia começado a se destacar, sendo o primeiro da classe nos dois primeiros anos iniciais, e ficando entre os cinco melhores depois disso. Era essa tendência que meu tio, que ficou bastante animado, queria desenvolver.

– Se eu tivesse o seu cérebro – meu pai dizia para Nhamo como forma de encorajamento durante os primeiros anos de escola, os anos formativos –, eu seria professor agora. Ou talvez até médico. Ha! Talvez até médico. Você acha que estaríamos vivendo do jeito que estamos! Não! Em uma casa de tijolos com água corrente, quente e fria, e luzes, que nem Mukoma. Teria sido bom, se eu tivesse esse cérebro.

Nhamo, que acreditava em obediência filial, concordava com meu pai que, sim, teria sido bom, e tranquilizava meu pai que a inteligência com a qual tinha sido abençoado não seria desperdiçada. Eu era diferente. Eu queria descobrir a verdade. Meu pai queria dizer que Babamukuru era esperto para as lições? Perguntei um dia, entreouvindo uma dessas conversas.

– Não exatamente – meu pai respondeu. – Eu não diria que Mukoma era esperto. Não. Não exatamente esperto. Mas ele lia. Ha!

Mukoma lia. Qualquer coisa que ele encostasse, ele se esforçava, ele era assim. Iih! Mukoma lia – ele concluiu, abrindo a boca em um sorriso largo, enrugando a testa em um tributo cheio de admiração pela perseverança do meu tio. E depois, percebendo a armadilha que havia montado para si e na qual havia caído, ele precisou se resgatar. – Mas Mukoma teve sorte. Ele teve a chance. Ele foi para a missão quando era bem novo. Os missionários cuidaram dele tão bem, sabe, que os livros, aaah, os livros vieram naturalmente.

Independente de Babamukuru ser esperto ou esforçado ou meramente sortudo, Nhamo normalmente conseguia persuadi-lo a levá-lo até em casa. Como Nhamo conseguia fazer isso é um mistério para mim, porque Babamukuru nunca foi uma pessoa facilmente persuadida. Ainda assim, Nhamo normalmente conseguia. Mas dessa vez, neste fim de trimestre específico a que me refiro, em novembro de 1968, quando Nhamo havia recém completado o Fundamental Seis e, por isso, terminado mais cedo, Babamukuru tinha uma reunião na cidade. Nhamo foi obrigado a pegar o ônibus. Na verdade, acho que Babamukuru tinha decidido que seria bom para Nhamo pegar o ônibus para variar. Acho que meu tio tinha começado a se preocupar com o jeito como Nhamo estava agindo. É certo que todos em casa que tinham idade para se preocupar, quer dizer, todos exceto meu pai, tinham começado a se preocupar com o jeito como Nhamo vinha agindo.

Logo depois de ir para a missão, meu irmão parou de voltar para casa para ficar durante as férias mais curtas. Apesar de ele visitar às vezes com meu tio, ele voltava para ficar somente uma vez por ano, quando terminava o período escolar e iniciava o do milho. Durante as férias de abril e agosto, Nhamo se recusava a voltar para casa, dizendo que precisava ler seus livros sem parar para passar nos exames de fim de ano. Era um bom argumento. Permitia que ele evitasse as tarefas desconfortáveis de colher e empilhar o milho e tirar as folhas das espigas. Nós nos coçávamos violentamente ao fim de cada dia durante a colheita do milho, e corríamos dos campos direto para o rio para lavar a coceira até ela parar. Não era nenhuma surpresa que Nhamo não gostasse da colheita. Nenhum de nós achava a tarefa agradável. Mas era uma daquelas coisas que

precisavam ser feitas. Setembro e outubro eram diferentes. A essa altura a terra estava preparada para a nova safra. No começo as pessoas carpíam a terra com enxadas, e o trabalho era duro, mas não difícil e, por isso, não era desagradável. Logo antes de Babamukuru ir para a Inglaterra em 1960, ele comprou um arado de tração animal para meu pai, de modo que, quando eu cresci o bastante para ajudar nos campos, o trabalho tinha se reduzido a plantar o milho nos anos em que meu pai, ou qualquer parente homem que estivesse visitando e fosse forte o bastante, encontrava tempo para usar o arado. Nos anos em que eles não encontravam tempo, carpíamos e plantávamos. Depois do plantio, depois de a safra germinar, durante toda a estação chuvosa e até as plantas ficarem altas e fortes, nós capinávamos, usando as mãos ou enxadas. Às vezes não era só milho, mas também mhunga e rukweza. O começo do período da safra era agitado. Meu tio insistia que Nhamo estivesse em casa para isso, argumentando que não havia mais exames para justificar que ele ficasse na missão. Então Nhamo era forçado, uma vez por ano, a retornar para sua casa esquelética, onde ele se lavava com água fria em uma bacia esmaltada ou em um rio, não em uma banheira com torneiras que jorravam água quente e fria; onde ele comia sadza regularmente, com as mãos, e carne raramente, nunca com garfo e faca; onde não havia luz além do amarelo tremeluzente das velas e lampiões caseiros que lhe permitisse escapar para dentro de seus livros quando o resto de nós ia dormir.

Toda essa pobreza começou a ofendê-lo, ou no mínimo a envergonhá-lo, depois que ele foi para a missão, de um jeito que não acontecia antes. Antes de ele ir para a missão, conseguíamos concordar que embora nossa miséria fosse brutal, ela era indiscutivelmente nossa; e que a responsabilidade de a exterminar era, portanto, também nossa. Mas algo que ele viu na missão o fez pensar que nossa propriedade já não era mais responsabilidade dele, então quando ele voltava para casa nas férias, era como se nem tivesse voltado: ele não era muito sociável. Ajudar nos campos ou com os animais ou a lenha, qualquer uma das tarefas que ele costumava fazer de boa vontade antes de ir para a missão, tornaram-se uma piada sem graça. Quando as chuvas vieram mais cedo no fim

do primeiro ano dele na missão, ele observou que a maior parte do trabalho já havia sido feito e que tínhamos dado conta; quando as chuvas vieram com atraso, como foi o caso no final de seu segundo ano lá, ele nos lembrou que tínhamos nos virado bem sem ele no ano anterior. Ele só investia energia mesmo para ajudar na propriedade quando Babamukuru mandava avisar que ia visitar. Nesses dias Nhamo acordava de madrugada como todos nós, e trabalhava com tanto afinco que a terra se embrenhava na pele de suas mãos e o suor lhe descia pelas costas, fazendo com que ele cheirasse e parecesse, para o resto do mundo, um arquetípico trabalhador. A estratégia dele era perfeita. Ele nunca voltava para casa, não importando quão tediosas e pesadas fossem as tarefas disponíveis, até que Babamukuru, depois de ter chegado na casa e a encontrado deserta, descesse até os campos.

Às vezes Babamukuru estava vestindo bermudas quando vinha visitar. Se estávamos todos nos campos nessas ocasiões, ele pegava uma enxada e se juntava a nós por um tempo antes de voltar de carro para a casa com meu pai e Nhamo para ouvir o relatório de progresso do meu pai sobre onde estávamos com o plantio, o cultivo ou a colheita; sobre como o gado dos vizinhos estava saqueando nossas plantações; sobre como Babamukuru deveria providenciar uma cerca de arame farpado para manter os macacos e o gado para fora. Quando Babamukuru não estava usando bermudas, eles voltavam para a casa imediatamente. Minha mãe, os lábios franzidos, amarrava a pequena Rambanai mais firmemente às costas e continuava o trabalho silenciosamente. O balanço feroz de seus braços ao agarrar as hastes e colher as espigas de milho reprimia a mim e a Netsai de emitir qualquer murmúrio de rebelião. Imaginávamos aqueles movimentos ferozes dos braços de nossa mãe descendo uma vara em nossas pernas e este pensamento nos tornava diligentes. Netsai acionava o que eu considerava ser uma quantidade excessiva de eficiência quando nossa mãe ficava silenciosamente feroz. Ela ganharia de mim por um número indecente de jardas, um número vergonhosamente alto de espigas, se eu não sentisse vergonha da humilhação de deixar minha irmãzinha trabalhar mais do que eu. Nós seguíamos o mesmo caminho que o carro do meu tio

quando o sol começava a se pôr, arrebanhando o gado de volta para o kraal enquanto caminhávamos, já que não havia nenhum outro jovem rapaz na família além de Nhamo para realizar esta tarefa. Íamos o mais rápido que podíamos para não nos atrasarmos no preparo da refeição noturna. Pessoalmente, eu não gostava de ver Babamukuru de bermudas, porque em suas roupas da missão ele era uma figura digna e era assim que eu gostava de imaginá-lo.

Nos dias em que Babamukuru vinha visitar, nós matávamos um galo. Ou melhor, matávamos um galo se havia um sobrando, se não, matávamos só uma galinha. Também matávamos uma ave quando Nhamo vinha para casa, independente de ele vir com Babamukuru ou sozinho. Eu e Netsai encurralávamos o pássaro e o pegávamos, eventualmente, depois de agarrar, frustradas, muito ar e penas, encorajadas na perseguição pelos gritinhos de alegria da pequena Rambanai, que várias vezes acabava chorando quando o pássaro escapava de nós e voava na cara dela.

Nesta tarde de novembro específica, quando estávamos esperando Nhamo em casa, minha mãe decidiu regar os vegetais – colza, couve, tomates, quiabo e cebolas – que ela plantava em um terreno que tinha sido da minha avó, bem perto de casa, mas ainda a uns quinze minutos de caminhada. Andamos juntas desde os campos, eu e minha mãe, com o gado, até chegarmos na horta, onde nos dividimos, ela para fazer a rega, eu de volta para casa, o chicote do gado na mão, mas inutilizado, porque os animais estavam tão ansiosos para chegar em casa quanto eu. Nossas sombras já haviam se alongado até ficarem fininhas para o leste conforme o sol mergulhava por detrás das colinas. Já havia passado bastante das seis. Já que era tão tarde, eu tinha certeza que encontraria Nhamo em casa quando chegasse, mas, quando cheguei do kraal do gado, vi somente Rambanai e Netsai brincando no quintal de areia ao redor da cozinha. Elas estavam jogando nhodo, quer dizer, Netsai estava jogando e Rambanai, quando era vez dela, estava simplesmente atirando a pedra para cima e protestando aos gritos quando Netsai iniciava sua rodada. Rambanai era nova demais para jogar a pedra para cima e recolher várias outras pedras e então pegar a primeira pedra antes de ela cair. Netsai sabia muito bem disso, mas gostava de ganhar de

Rambanai no nhodo mesmo assim.

Assim que Rambanai me viu, veio correndo, reclamando veementemente de como Netsai era injusta, em sua linguagem incompreensível, fazendo com que fosse só a expressão em seu rosto a me explicar o que ela estava dizendo.

– Calma, calma – eu a confortei, pegando-a no colo e encaixando-a em meu quadril. – Vou jogar nhodo com você. Vai ser uma ótima partida. Nhamo mandou você buscar a bagagem? – perguntei para Netsai.

– Não, Sisi Tambu – ela respondeu. – Mukoma Nhamo não veio para casa.

– Ele ainda não chegou? – não me preocupei, porque o ônibus das três era frequentemente o ônibus das quatro ou até das cinco. Além disso, fiquei aliviada. Não precisaria matar o galo. – Talvez amanhã, então, quando Babamukuru puder dar uma carona.

Conhecendo Nhamo como conhecia, eu sabia que ele não chegaria em casa tão tarde a pé, porque para isso ele precisaria carregar a própria bagagem. Não que houvesse muita, já que ele deixava a mala na casa de Babamukuru. Ele normalmente não carregava mais do que uma mochila pequena contendo seus livros e um ou dois shorts de sarja, que eram as únicas roupas que ele não tinha medo de estragar usando em casa. Às vezes ele trazia uma sacola plástica também, contendo itens variados como chá e açúcar, e sabonete, escova de dentes e pasta de dentes. Normalmente, o chá e o açúcar eram presentes da minha tia para minha mãe, mesmo que Nhamo ficasse com eles para si. Ele bebia chá preto adoçado enquanto lia seus livros e nós terminávamos nossos afazeres. Isso divertia minha mãe. Quando o pegava fazendo isso, ela o repreendia e mandava que fosse arrebanhar o gado, mas quando recontava o incidente, sempre ria. “Aquele menino e os livros! Ele vai ser um ótimo professor qualquer dia desses, lendo tanto assim!”

De qualquer forma, a bagagem de Nhamo nunca era pesada demais para que ele a carregasse. Mesmo assim, ele não a carregava sozinho. Em vez disso, ele deixava alguma coisa, alguns livros, uma sacola plástica, qualquer coisa, contanto que houvesse alguma coisa, nas lojas do terminal, já que tinha relações de amizade com todos,

para poder mandar Netsai buscar assim que chegasse em casa. Quando estava se sentindo benevolente, oferecia-se para cuidar de Rambanai, que ainda não sabia andar direito, enquanto Netsai executava a tarefa. Quando estava sendo ele mesmo, ele desdenhava que cuidar de crianças não era trabalho de homem, e Netsai, que era novinha, mesmo que grande para a idade, prendia o bebê nas costas para ir pegar a bagagem. Uma ou duas vezes, porque eram coisas demais para ela carregar sozinha, eu fui com ela. Por saber que ele não precisava de ajuda, que ele só queria demonstrar para nós e para si mesmo que tinha o poder, a autoridade de nos obrigar a fazer coisas por ele, eu odiava buscar a bagagem do meu irmão. Porque eu tinha quase o tamanho dele e, quando estava brava, podia empurrar uma lenha da fogueira na cara dele, ele não me incomodava muito, mas Netsai pagava pelas coisas das quais eu me livrava. Nhamo gostava de usar a vara nela por qualquer motivo. Para manter a paz, eu acompanhava Netsai quando ela precisava de ajuda, reclamando enfurecida sobre a preguiça do nosso irmão durante todo o caminho até as lojas. Você pode estar se perguntando por que eu não defendia minha irmã, dizia para meu irmão carregar a própria bagagem. Foi o que eu fiz na primeira vez que ele fez Netsai cumprir esta tarefa. Ele concordou que ele mesmo iria, e, quando eu voltei para a cozinha, levou Netsai para longe e açoitou as pernas dela com um galho fino de pessegueiro. Pobre Netsai! Ela me disse que foi correndo até as lojas. E daí me perguntou por que eu não a deixara ir antes! No início, pensei que era culpa do açoitamento ela me fazer uma pergunta tão boba, mas depois percebi que ela realmente não se importava de carregar a bagagem de Nhamo se não houvesse muita coisa. Ela era uma criança doce, do tipo que se tornaria uma esposa doce e triste. Quanto a Nhamo, ele era bem capaz de convencer a si mesmo que Netsai se negaria a carregar a bagagem se fossem coisas demais. Então eu não me importava de ajudá-la quando necessário.

Este não era o único traço desagradável do nosso irmão. Nosso Nhamo tinha centenas de ideias sem sentido. Mesmo depois de todos esses anos, ainda sinto que nossa casa era mais feliz quando ele estava longe. Era certamente o que eu sentia na época. Lembro de me sentir bastante aliviada naquela tarde de novembro. Já que não

havia mais a necessidade de matar e preparar o galo, só o sadza e os vegetais precisavam de atenção. Isso não dava trabalho nenhum, o que me deu a opção de voltar à horta e ajudar minha mãe. A ideia de minha mãe trabalhando tão duro, tão sozinha, sempre me perturbava, mas no fim decidi preparar o jantar para que ela pudesse descansar quando retornasse. Porque eu sabia que se ainda houvesse trabalho a ser feito quando ela terminasse a rega, ela se cansaria mais e o faria.

– O que há de errado, Sisi Tambur? – perguntou Netsai, arrancando-me de meus pensamentos. Ao passar Rambanai para meu quadril esquerdo, percebi que meu joelho direito estava travado.

– Errado, Si'Tam'? – questionou Rambanai.

Era típico de Netsai fazer uma pergunta que eu não podia responder. Eu não podia friamente informar minhas irmãs que eu estivera pensando sobre o quanto não gostava do nosso irmão. Eu me sentia culpada. Como ele era nosso irmão, deveria ser gostado, o que fazia não gostar dele ser ainda mais difícil. O fato de ainda assim eu conseguir deve significar que eu realmente não gostava dele!

– Vai ser bom – observei, na tentativa de me convencer – quando Mukoma Nhamo vier para casa.

– Por quê? – Netsai estava confusa. – O que ele vai fazer?

– Que fazer? – ecoou Rambanai, permitindo que eu risse dela e evitasse responder. Depois de colocá-la no chão, fui até o dara para encher a bacia esmaltada com água e pegar as panelas e pratos que eu precisaria para cozinhar. O dara estava horrível. Cupins tinham comido e atravessado a perna esquerda, então ele ficava inclinado em um ângulo insolente, constantemente fazendo com que as coisas caíssem dele. E como se isso não fosse o bastante, várias das tiras de casca de árvore que juntavam as tábuas tinham apodrecido. As tábuas tinham se movimentado, deixando grandes espaços entre uma e outra, então quando as coisas não caíam do dara, elas caíam pelo dara.

Tem que ser consertado; devo consertá-lo, pensei, como já havia pensado várias vezes antes, prometendo a mim mesma que arranjaría um tempo. Abaixei-me para puxar o barril de 45 litros que usávamos para armazenar água debaixo do dara, com muita

esperança que houvesse água o bastante para a noite.

Netsai estava me observando.

– Está cheio – ela sorriu. – Nós usamos as latas. Só tivemos que ir três vezes ao rio.

– Ir rio – concordou Rambanai.

– Você é uma ótima trabalhadora – falei para minha irmã, tocada por ela ter se preocupado. Seu rostinho lindo se iluminou. Sorrimos uma para a outra e Rambanai riu.

A couve estava firme e as folhas grandes, não precisou de muita limpeza. As panelas estavam todas limpas, mais evidência da natureza atenciosa de Netsai. Eu gostava de cozinhar quando as partes mais trabalhosas já tinham sido feitas. Cantarolei enquanto rasgava a couve e a colocava na panela, fiquei contente quando as galinhas apareceram para bicar os pedaços que caíam, limpando o local sem correr perigo de elas mesmas serem capturadas e preparadas! Como eu odiava todo o processo de pedir a ajuda de Netsai para evitar a fuga da ave, me irritar quando mirava nas asas e acabava pegando só ar, e finalmente agarrá-la, protestando e cacarejando com a voz estridente até que, sentindo o inevitável, ela ficava quieta. Também não aguentava o cheiro quase sufocante de sangue quando água fervente era jogada sobre a ave sem cabeça para soltar as penas. Da próxima vez, pensei ingenuamente, Nhamo vai pegar a ave. Se ele quer comer galinha, ele que a pegue e mate. Eu vou depenar e cozinhar. Parecia uma divisão justa do trabalho.

Pensei ingenuamente. O açoitamento de Netsai por causa da bagagem deveria ter deixado claro para mim que Nhamo não tinha interesse em ser justo. Talvez com outras pessoas, mas certamente não com as irmãs, as irmãs mais novas, aliás. Talvez eu esteja sendo injusta com ele, colocando toda a culpa nele postumamente, quando ele não pode se defender e quando eu já vi o bastante para saber que a culpa nem sempre vem em pacotes bem embrulhados. Talvez eu esteja fazendo parecer que Nhamo tinha simplesmente decidido ser detestável e descoberto que era bom nisso, quando, na realidade, não era esse o caso; quando na realidade ele não estava fazendo nada além de se comportar, talvez de forma extrema, da maneira esperada. As necessidades e os sentimentos das mulheres da minha família não

eram considerados prioridade, ou mesmo legitimados. Era por isso que eu estava no Fundamental Três no ano em que Nhamo morreu, e não no Fundamental Cinco, como deveria estar na minha idade. Naquela época eu sentia a injustiça da minha situação toda vez que pensava sobre ela, o que eu não conseguia evitar fazer com frequência, já que crianças estão sempre pensando na própria idade. Pensando na situação, sentindo como era injusta, foi assim que passei a não gostar do meu irmão, e não só do meu irmão, do meu pai, da minha mãe – na verdade, de todos.